

## Madrugada sem Pablo Escobar: Como um passeio noturno pelo centro de Medellin desperta futuros jornalistas<sup>1</sup>

Ben-Hur Demeneck<sup>2</sup>

### Resumo

Este texto procura de respostas para: “Como uma caminhada, feita durante a madrugada pelo centro ‘perigoso’ de Medellin, transforma-se numa ferramenta pedagógica? Como ela diminui as distâncias entre academia e prática profissional do jornalismo?”. Passeio esse próximo do que seria a peripatética se levada à pedagogia voltada para os fundamentos e processos jornalísticos – caminhando e conjecturando. Mais que um trabalho que esmiúça e analisa a atividade, prefere descrevê-la, relatá-la e contextualizá-la, com o objetivo de um intercâmbio entre ensino do jornalismo entre Brasil e Colômbia via a exposição de referências históricas, literárias, geográficas e sociais desde uma perspectiva desse país hispânico. A entrevista foi concedida pelo professor universitário e jornalista Ramón Pineda. Oportunidade também para dar a saber como o jornalismo cultural contrapôs o “pleno terror em Medellin” (Ana Maria Cano), nos anos 1990, via revista *La Hoja*, época dos “violentólogos”. Medellin é “a cidade da eterna primave-

<sup>1</sup> Nota de agradecimento: esse relato jamais teria a possibilidade de obter o alcance que obteve não fosse pelas seguintes pessoas, a quem dedico os méritos dessa comunicação: Karen Cepeda (Federación Colombiana de Periodistas - Fecolper), Edvaldo Pereira Lima (Academia Brasileira de Jornalismo Literário, ABJL), Raúl Hernando Osorio Vargas (Universidad de Antioquia, UdeA) e Álvaro Duque (Universidad del Rosario).

<sup>2</sup> Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Jornalismo Literário pela ABJL (Academia Brasileira de Jornalismo Literário). Autor da dissertação “Objetividade jornalística: debate contemporâneo do conceito”, vencedora do Prêmio Adelmo Genro Filho de Jornalismo, no ano de 2010. Contato: b.demeneck@uol.com.br

ra”, para ficar numa das ligeiras classificações, embora haja quem apenas a considere como a terra de Pablo Escobar.

**Palavras-chave:** Jornalismo Literário (imersão). Fundamentos do Jornalismo. Estudos Urbanos; Revistas Culturais (La Hoja de Medellin). Cultura x Violência. Teoria-prática. América Latina (Colômbia). Ramón Pineda.

### **Abstract**

How a walk through the night in the dangerous center of Medellin could become a pedagogic tool? How it approximate academy and practice of journalism? This article search for answering these by an interview and one deppointment. The activity in observation is something like the peripathetics if applicated to the pedagogy towards the journalistic fundaments and process - walking and thinking. More than a work that detail and analyze this, the article prefers describe and contextualize it, with the objectify of promoting and exchange between teaching Journalism in Brazil and Colombia by the presentation of historical, literary, geographical and social references from this hispanic perspective. The interview is with Ramon Pineda, university teacher and journalist. Opportunity also to know how the cultural journalism was a contrapoint in the “terror in Medellin” during the 1990s (according the words of Ana Maria Cano), by commenting the magazine “La Hoja”, period of the “violentologos”. Medellin is “the city of eternal Spring”, in one of its quick epithets, however someone just consider it as the land of Pablo Escobar.

**Keywords:** Literary Journalism (immersion). Fundamentals of Journalism. Urban Studies. Cultural Magazines (La Hoja de Medellin). Culture and Violence. Theory x Practice. Latin America (Colombia). Ramón Pineda

## I – Introdução

“Istambul nunca foi a colônia dos ocidentais que escreveram sobre ela, desenharam-na ou a filmaram, e é por isso que não fico tão alterado pelo uso que os viajantes ocidentais fizeram do meu passado e da minha história na construção do exótico” (*Istambul*, Orhan Pamuk, p. 302)

Uma Colômbia que pulsa a invenção do cotidiano, muito além das manchetes sobre Pablo Escobar e outros personagens que fraturam o simbólico, eis nesses trilhos a presença deste relato. Texto e diálogo em que a cultura vira um contra ataque à violência. À volta de nós, temos Medellín. Os momentos são dois, anos 1990 e, agora, 2010. Para os dois, as dobraduras da sua paisagem montanhosa.

Na primeira cena, há 20 anos, circula uma revista cultural editada nessa capital do departamento de Antioquia. No segundo ato, um passeio pelo centro da metrópole durante a madrugada, um dos pontos ativos da cartografia criminosa dos relatos oficiais. Quem integra estes dois tempos com outros mais é Ramón Pineda, professor universitário, jornalista. Ele foi cronista e chefe de redação de “La Hoja de Medellín” por quase uma década – ela será um dos assuntos deste circuito feito a pé.

A entrevista foi feita numa terça-feira, a 28 de setembro de 2010, na casa da família de Pineda, em Bellencito, zona oeste. Fica dentro da Comuna 13, famosa nos meios de co-

municação porque nela se deu um laboratório de guerra urbana entre a guerrilha e os paramilitares. O entrevistado divide seu tempo entre uma universidade privada e outra pública (UPB e UdeA, vide significado das siglas abaixo). A conversa se seguiu após Pineda conduzir uma apresentação jornalística da cidade via estações do teleférico, nos bairros populares de Santo Domingo e Comuna 13, e anterior ao passeio que seria feito por este investigador que vos escreve adentro da madrugada antioquenha, assistida pelos enquadramentos da teoria-prática daquele interlocutor.

Antes de fazer uma apresentação do convidado e seguir para o jogo de perguntas e respostas, uma observação quanto à segunda divisória deste texto (II). Trata-se do pano de fundo da conversa orientada por provocações entre prática profissional e academia, entre universidade e sociedade, entre cultura e violência. Contexto de uma viagem pelo campo do jornalismo em suas diversas expressões, relato marcado pelo signo de uma primeira incursão ao país García Márquez e de Javier Darío Restrepo.



Figura 1 – Mapa da Colômbia com principais cidades e países de fronteira.

Caso valha alguma defesa para manter exposição dessa natureza neste espaço, seria esta: ele se converte em um testemunho da distância entre Brasil e um país com o qual faz fronteira, separados por uma barreira linguística e outras que estamos por descrever e interpretar. A convivência de cerca de 20 dias com professores universitários, pesquisadores, acadêmicos, jornalistas e sindicalistas da imprensa pôde confirmar algumas hipóteses sobre o que nos separa, embora seja vívida a percepção das semelhanças quanto aos interesses da comunidade jornalística. Para citar um: o

interesse na abertura de mestrados específicos em Jornalismo<sup>3</sup>. Para citar dois: a busca de maior unidade da classe profissional.

O relato mostra um pouco desse intercâmbio, acrescenta detalhes de pano de fundo aos leitores da entrevista e sugere referências a professores observadores da conexão entre teoria e prática. Importante observar que, para chegar a Ramón Pineda, houve um círculo virtuoso. Ao contactar Edvaldo Pereira Lima, autor do esclarecedor “Colômbia Espelho América”, veio o nome de Raúl Osório Vargas. O docente da Universidade de Antioquia (UdeA), que ficou por 15 anos no Brasil, onde fez pós-graduação, na condição de professor, coordenou o curso de Jornalismo da Universidade de Uberaba. Ramón foi convidado para apresentar uma Medellín mais diversificada e sincrônica, uma vez que a cidade ainda parecia estrangeira demais a Raúl. Mantinha

---

<sup>3</sup> Em 2011, o país terá o seu primeiro mestrado específico em Jornalismo, na capital federal. Há pelo menos mais outro em andamento, em Medellín. Na Universidad de Antioquia (UdeA), há os primeiros movimentos em favor dessa pós-graduação (detalhe: ela possui Mestrado em Comunicação). Quanto à Universidad del Rosario, localizada em Bogotá, as inscrições e o processo seletivo se encerram em janeiro de 2011. O curso prevê três semestres e alavanca seu ensino baseado na prática. Segundo informe institucional, no primeiro semestre se estuda reportagem e escrita jornalística. No segundo, mantém-se como foco a explicação de funcionamento de uma empresa jornalística e, ainda, em métodos de jornalismo convergente. No terceiro, o objetivo é conhecer em primeira mão as salas de redação de revistas como *Semana*, *Dinero* e *SoHo*. O programa não exige de formação específica em Jornalismo, apenas um curso superior em qualquer área de conhecimento. O programa se estabeleceu em parceria com grupo privado de comunicação – *Publicaciones Semana*. Para saber mais, pode-se baixar o PDF de divulgação de “maestria” (como se escreve em espanhol). Conteúdo está disponível na página virtual da instituição ([www.urosario.edu.co](http://www.urosario.edu.co), 5 MB). Ou, pelo menos, estava em acesso feito a data 10 de dezembro de 2010, às 15h (Brasília).

o olhar de quem vem de fora, faz cerca de um ano que voltara com biblioteca e família para seu país.

## **Itinerário pelo Centro invade a madrugada**

a) Plaza Cisneiros (a floresta iluminada feita em concreto).

Ponto de encontro: grande snooker bar, atrás de um dos prédios mais antigos de Medellin. Todos reunidos, o começo do “recorrido” se dá no meio da praça, diante *Estación Antiguo Ferrocarril*. Caminha-se, depois, por ruas do entorno da Plaza, abaixo do elevado pelo qual passa o metrô, onde vivem muitos moradores de rua. Trajeto feito em várias paradas.

b) Salón Málaga. Um pedaço da nostálgica Buenos Aires no centro da cidade, em alto estilo. Morte de Gardel influencia a cidade a ser encantada pelo tango. Fotos de jukeboxes, de clientes antigos, de celebridades dentro desse estilo e de prédios da cidade, em tomadas de décadas atrás. No dia, base gravada e canto ao vivo, happy hour de empresários. Um choque de luz, em uma noite tão escura.

c) Plaza Botero e Museu de Antioquia. Depois de passar por diversos locais, ao lado de igrejas, hotéis e prédios comerciais, a apontar para gárgulas de uma fachada, aos quais os populares atribuem intromissão na vida da rua, chegamos a Plaza, que acolhe as obras do escultor mais célebre da Colômbia, Fernando Botero. Comenta-se sobre a

História. Prepara-se para entrar num clube de strippers, “Las Conejitas”.

d) “A rua mais perigosa do centro da cidade”, a Carrera 50 lembra o “Five Points” do Martin Scorsese “Gangues de Nova York”. Moradores de rua, dependentes químicos, pequenos traficantes, ladrões, travestis, cercado de biroskas, de bares para homossexuais de baixa renda, de prostíbulos, de motéis clandestinos. Uma algazarra à 1 hora da madrugada de quinta (*Jueves significa quinta-feira, mas os foliões de plantão falam o J com som de R para lembrar a palavra “rumbear”, o mesmo que festejar*). Grupo de alunos investe em domínio travesti e, depois, vai descobrir que escutou histórias pelo contrário. Toma nota de que não se pode acreditar em tudo.

e) “Rua da diversidade sexual”, olhando da parte alta para a baixa dessa via, não se pode deixar de ver a imponente Catedral Metropolitana, feita toda ela em tijolos.

### **Quem é Ramón Pineda?**

Jornalista e professor de Jornalismo, 43, ele leciona em Medellin há oito anos na Universidad Pontificia Bolivariana (UPB, instituição privada) e há dois anos na Universidad de Antioquia (UdeA, pública). Especialista em Estudos Urbanos pela Eafit, trabalhou por oito anos na revista cultural “La Hoja de Medellin” (abaixo, contextualiza-se a publicação); dentro de sua trajetória, foi chefe de redação, repórter



e cronista antes de se tornar docente. Nesse mundo de celebridades, eis um diálogo com quem caminha quieto pelas ruas sem ser reconhecido. Para quem pedem um cigarro e se conversa sobre o tempo.

Como professor, Ramón usa em seu favor o seu patrimônio imaterial - construído tijolo a tijolo, a cada caminhada, em anos seguidos. Uma marcha que atravessaria de ponta a ponta os Andes. O itinerário madrugueiro, uma das expressões concretas desse acervo, nasceu de um convite às avessas, dos alunos ao professor. Pediram que o levassem para ver, ao vivo, as ruas e os estabelecimentos inalcançados pelas publicações periódicas organizadas pelos jornalistas e demais comunitários.

O “recorrido” despertou, pouco a pouco, a curiosidade entre acadêmicos, via boca a boca. Outros passaram a disputar a sua disciplina optativa com vistas a essa visita desafiadora dos avisos feitos pelas matérias policiais. O itinerário inclui bares e clubes noturnos próximos a lugares turísticos, como a Plaza Cisneros e a Plaza Botero. Visitam-se lugares desde “Las Conejitas”, onde há a performance de strippers, ao sofisticado clube de tango Málaga, uma das reparações dada pela cidade em que morreu Carlos Gardel em acidente de avião.

Carrera 50, reduto de indigência e prostituição, marca em X esse mapa de imersão. Em grupos pequenos, Pineda explica uma sociologia empírica altamente sofisticada, des-

velando papéis, relações, instituições e símbolos de cada ambiente. Desvenda uma psicologia de quem conversou com diversos tipos e trocou, de igual para igual, seus dilemas e pontos de vista. Coloquialmente, levam-se universitários a vivenciarem ambientes dentro daquela superimagem que temiam.

O ponto de partida é a praça diante da antiga estação ferroviária, pelas 22h. O ponto final é a rua da diversidade sexual, polifônica, às 2h30, vigiada pelas torres da catedral. No meio do caminho, uma das perguntas ao guia dessas novidades pode ser “o que faz para evitar os choques com os habitués desses espaços?”. A resposta mais direta chega assim: “é preciso respeitar os protocolos”, algo como, “não invada seus territórios”. Se se requerem nuances, ele chega até a Escola de Chicago e ao interacionismo simbólico. Não à toa, esse *recorrido* o estimulou a criar uma disciplina de Estudos Urbanos e um projeto de livro de jornalismo narrativo sobre as microcidades existentes em Medellín.

### **O que representou La Hoja de Medellín?**

“La Hoja de Medellín” circulou por 16 anos. A primeira edição data de 27 de julho de 1992. Foi uma revista mensal de reportagens, de crônicas (diferente da brasileira) e de outros gêneros, todos associados entre si para contarem uma cidade que não se resumia a Pablo Escobar, ao contrário do que apontavam as coberturas jornalísticas nacional

e internacional daquele período. Época em que o líder narcotraficante sai da prisão “La Catedral”.

A complexidade de Medellín está escancarada naquelas páginas. Se os jornalistas e professores universitários brasileiros, ao se debruçarem sobre o tema violência, escolhem analisar o crime organizado praticado nessa época e local, jamais entenderão direito o que acontecia se não a consultarem. Se ela representava o espanto diante de massacres e da corrupção em todos os níveis, escreveu páginas de quem conhecia uma cidade que jamais caberia numa única classificação. Dotada de acentuado espírito questionador, ela interpreta a diversidade cultural e narrativa da cidade e testemunha como poucas a tensão entre jornalismo cultural e pontos críticos da vida em metrópoles latino-americanas.

Em antologia de textos dos 15 anos da publicação, os editores de “La Hoja” expuseram qual ideia de jornalismo praticavam:

[...] nenhuma cidade da Colômbia pode se ver de maneira tão ampla e tão diversa como Medellín através do que foi ‘La Hoja’. Nenhuma. E dizemos com certeza e com orgulho e como parte da vitória do que foi o exercício do jornalismo não como um ofício para perpetuar estereótipos, não como uma profissão feita para que prevaleça um estado de coisas, mas uma que se exerça como uma necessidade (...) cria a necessidade imperiosa de um punhado de jornalistas de descobrir como locais [*dignos de pauta*] [*a partir d*]essa outra cidade vivida, apesar

das bombas e do terror imposto pelos armados” (CANO, 2007).

Quem estuda o jornalismo cultural, encontra nesse veículo um interessante tema para um estudo de caso da relação cultura x violência. E como os enquadramentos culturais superam o reducionismo dos enquadramentos mais estritos da cidade, apenas via ocorrências criminais. Em entrevista ao diário *El Espectador* (23 de abril de 2008), pede-se a Ana María Cano, a última diretora da revista, o nome a alguma publicação jornalística marcantes. Citou duas, ambas, segundo suas palavras, tomadas pelo impulso de ir contra a correnteza. Uma foi o jornal “El Espectador”, durante a Regeneração [1878–1898, *período lembrado como fundamental para formação da nação colombiana*] e, depois, “La Hoja”, por ser contemporâneo ao “pleno terror instalado em Medellin”<sup>4</sup>.

Antes de contar sobre seu gosto pelos livros, Ramón explica que vem de pueblito que não lê muito, que é mais

---

<sup>4</sup> Não é objetivo deste texto analisar os modos de manifestação do jornalismo cultural de “La Hoja”. Escreve-se mais para indicar a postura de um grupo de jornalistas, os quais se preocupavam em contar as histórias da cidade, obliteradas por uma agendamento de temas amarrado ao narcotráfico. Caberia a outro pesquisador fazer tal investigação caso se sentisse provocado à altura. Para dar uma rápida menção de apenas uma edição do periódico, tomemos um exemplar de 1997, comemorativo dos cinco anos de aniversário. Nele se dedicam dez páginas para comentar 29 tendências marcantes da cidade. Entre elas: “El otro mirador” (a serra Volador passa a ser ponto de encontro de quem procura lazer, antes era local de contravenções), “Los prefiero rústicos” (a invasão dos móveis rústicos nos armazéns da cidade) e “Tinto espacial” (dupla uniformizada que fugiu do desemprego com a venda de cafés, um servia e outro carregava às costas um galão de aço inoxidável cheio da bebida). Outros conteúdos: relato de viagem para a Índia, matéria sobre a faculdade de leis, perfil de um voluntário da Cruz Vermelha com 22 anos de serviços prestados e matéria sobre o “camaleônico” gosto musical da cidade, escrito por Alonso Salazar, futuro prefeito.

dado à festa, dado a estar rodeado de gente. Um povo mineiro muito festivo, o de El Bagre, ilha que fica entre rios em El Bajo Cauca. Enquanto que ele, Ramón, é um tipo mais solitário, calado, desde pequeno. Ao chegar a Medellín, desorientou-se pela diferença das palavras. Em vez de falar do tamanho da cidade e os costumes como justificativa do estranhamento, acentua o fator dificuldade linguística - “minha pátria é minha língua”, lembraria Fernando Pessoa. Outras palavras, as escritas, estiveram ao alcance desde o povoado. Como a mãe e as três irmãs eram professoras, livros eram parte das casas em que viveram. Foi tragado pelas letras. E tal qual muitos primeiros leitores da América hispânica, a criança se encantou pela enciclopédia “El Tesoro de la Juventud”, com histórias como a do velocino de ouro e os contos infantis nas suas versões originais.

No tempo de colégio, Ramón foi influenciado por professores interessados em debater o dia a dia politicamente. Se eles liam a Bíblia dentro da sala, não era para falar de um Criador, mas para falar de êxodo, dos movimentos sociais da época. E os professores de Espanhol o levaram para nomes como Mario Vargas Llosa e Fernando Soto Aparicio. Chegou à Comunicação Social por seu gosto pelo Cinema, especialmente o Neorealismo Italiano. A facilidade em contar histórias o revelou como jornalista e tomou conta de ideias anteriores de fazer roteiros ou crítica de cinema. Depois de tanta leitura, ganhara muita

facilidade para escrever. Era o chamado para o jornalismo impresso.

Antes de chegar ao posto de chefe de redação de “La Hoja de Medellin”, trabalhou como autor de crônicas (no caso, de reportagens que se detêm a um aspecto secundário ou “colorido” da notícia). Começa a carreira no principal diário do país, El Tiempo. Depois, passa pelos jornais Vanguardia (em Barrancabermeja, departamento de Santander) e La Patria (Manizales, Caldas). Na entrevista (parte III), explica porque Medellin tem por tradição criar escritores rebeldes e situa a importância do jornalismo narrativo dentro de todo o campo.

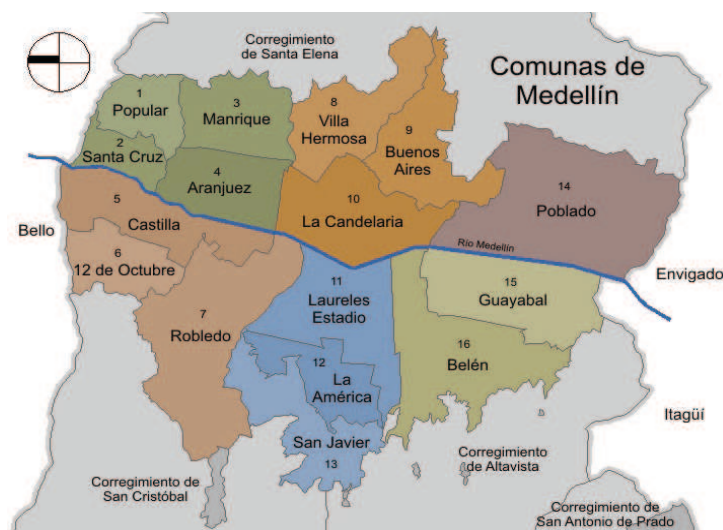


Figura 1 – Medellín se divide em regiões chamadas “comunas”. O Município está localizado no Vale de Aburra, ao centro do Departamento de Antioquia. Junto com outros nove municípios conforma a Área Metropolitana, com um total de 2.945.034 habitantes, sendo 2.499.080 destes residentes na capital, cuja área é de 382 quilômetros quadrados.

## II - Pano de fundo da entrevista

Cidade e língua contêm a mesma utopia e a mesma ruína; nós sonhamos e nos perdemos em nossa cidade assim como em nossa língua; aliás, elas são apenas a forma desse sonho e desse extravio. (AGAMBEN, 2010, p. 68)

O pano de fundo dessa entrevista relata uma viagem profissional e acadêmica à Colômbia, interessada em saber qual jornalismo se pratica naquele país, como se identificam os jornalistas e os professores universitários da matéria. O testemunho procura relacionar pistas sobre a profissão e o mundo acadêmico a partir de lugares como Bogotá, Manizales e Medellín. Referências oferecidas para que, depois, os leitores as confrontem com a própria experiência.

### 1) Bogotá e o Mestrado em Jornalismo

X Congresso ALAIC, Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación. Em Bogotá, na Pontifícia Universidad Javeriana, de 22 a 24 de setembro. Justamente nessa semana estoura, no noticiário, a morte de “Mono Joy”, líder das FARC. Nas ruas, nos corredores de faculdade, no Trans Milenio, nos restaurantes, no Twitter, o assunto principal era esse tema.

Tanto em Bogotá quanto em Medellín, há universidades interessadas na instalação de mestrados concentrados em jornalismo. Por conta desse fator, o autor deste artigo

teve a oportunidade de comentar das linhas de pesquisa e objetos de estudo do programa de pós-graduação stricto sensu da Universidade Federal de Santa Catarina, de que foi integrante na condição de mestrando. Álvaro Duque, professor da Universidad del Rosario, também participante do GT de Periodismo, do congresso, seria anfitrião para duas participações em classes de graduação. Uma delas na Javeriana, via sua parceira de pesquisa, Danghelly Zuñiga.

Tão próximo, tão distante. Um lugar-comum de antíteses pode representar um e outro *dejá vu* em terras colombianas. Mais que ver tanto café pela paisagem, para remexer o imaginário de quem sabe de cor uma “Flor de Cafezal” no acompanhamento das recordações brasileiras dos ciclos econômicos e políticos, embora se levantem os vapores de pequenos grupos de poder, como na República Velha. Questão à parte, uma apresentação como a do doutorando Andres Aguirre, em sua análise de crônicas bogotanas (1925-1945), faz lembrar dos brasileiros que tornaram mais tênue a separação entre jornalismo e literatura, o que me levou a perguntar se ele conhecia João do Rio (Paulo Barreto) e sua canibalização de Baudelaire. Foi só uma das ocasiões de constatar o quanto falta nos aproximar, a começar pelas traduções<sup>5</sup>.

Quanto aos mestrados concentrados em Jornalismo, aparece na Colômbia e também se espalha no Brasil. Em

<sup>5</sup> Por outro lado, a enorme livraria da Fondo Editorial, do México, na região central da capital mostra a influência da águia asteca sobre o país de Bolívar.



dois exemplos, nos debates do encontro nacional da SPB-Jor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo), realizado em São Luís (8/10 Nov 2010). E, parte dessa tendência acadêmica repercute no mundo do trabalho. Em Agosto, no XXXIV Congresso Nacional de Jornalistas se aprovou moção de apoio à abertura de mestrados e doutorados específicos em Jornalismo.

## 2) Manizales no mundo do trabalho

Na capital do departamento de Caldas<sup>6</sup>, entro em contato com uma visão do mundo do trabalho, por ocasião de evento comemorativo de 35 anos do *Círculo de Periodistas de Caldas* (CIPEC)<sup>7</sup>, com a presença de profissionais de todo o país convidados para tomarem resoluções em favor do exercício profissional.

Documento escrito ao fim do evento rechaçava as 140 agressões contra jornalistas ocorridas em 2010 até aquele 25 de setembro, documentadas pela Fecolper, a federação profissional. Texto menciona a invasão da casa do jornalista Ignacio Gómez, chefe de redação de *Noticias Uno*, de quem foram levados documentos usados em suas investigações recentes.

Uma das palestrantes convidadas foi a repórter investigativa Claudia Julieta Duque<sup>8</sup>. Ela procurou responder

<sup>6</sup> Nessa cidade, lembraria revista La semana do período, foi morto o jornalista Orlando Sierra, então subdiretor do jornal La Patria, em 30 de janeiro de 2002. Os acusados são ex-deputados do departamento de Caldas.

<sup>7</sup> Manizales é a capital do departamento de Caldas, conhecida dos brasileiros por sediar o clube Once Caldas, campeão da Libertadores da América em 2004.

<sup>8</sup> Neste ano de 2010, Claudia Julieta Duque recebeu o primeiro lugar no Prêmio de Coragem em Jornalismo concedido a jornalistas mulheres pela International Women's Media Foun-

“como garantir condições de segurança para repórteres?”. Como demonstram boletins das organizações de jornalista, o Brasil não está livre de ameaças à integridade de mulheres e homens da imprensa, porém, a repetição de perguntas como “qual a condição de segurança para um jornalista trabalhar no Brasil?”, causam um relativo estranhamento por se anteciparem a outras curiosidades<sup>9</sup>.

Ao que parece, os jornalistas brasileiros padecem mais de autocensura que os colombianos. Em contrapartida, aqui, além das políticas públicas ensaiarem uma evolução e de temas como diploma específico e Conselho Federal de Jornalistas serem tópicos postos em debate, parece que as preocupações salariais e trabalhistas encabeçam a lista dos fatores de insônia dos sindicalistas tupiniquins.

### **3) Medellin vista do alto pelo jornalismo narrativo**

Medellin permite uma imersão nas narrativas jornalísticas e literárias, uma visão distante, como se estivesse de uma das montanhas andinas em que está cravada<sup>10</sup>.

dation. Entre as mencionadas pela instituição, havia a tibetana Tsering Woesser, a mexicana Alma Guillermoprieto e a Vicky Ntetema. Há mais de dez anos, Duque recebe ameaças de morte, chegou a sair de seu país para evitar ser alvo de alguma ação de seus perseguidores. Um dos focos de intimidação foi o DAS (Departamento Administrativo de Segurança), um órgão de inteligência do Estado.

<sup>9</sup> Durante o encontro, minha participação se deu via relato de políticas de comunicação coligidas durante a I Confecom (Conferência Nacional de Comunicação, Brasília, 2009), resoluções do XXXIV Congresso Nacional de Jornalistas (Porto Alegre, 2010) e observações paralelas, como a expressão “privatização da censura”, usada por Venício de Lima em seu livro “Liberdade de expressão x Liberdade de imprensa”.

<sup>10</sup> O departamento de Antioquia, cuja capital é Medellin, fica num território conhecido por tierra paisá. A região se orgulha de ter uma identidade bem definida. No estereótipo, as pessoas são tidas como batalhadoras, ótimas negociantes, voltadas para o progresso e que

Medellin, uma cidade partida em duas como o Rio de Janeiro. A imagem do morro e do asfalto presentes na “*cidade partida*”, de Zunier Ventura, cabe nas cidades alta e baixa de Alonso Salazar. Antes da entrevista, Ramón Pineda conduz um passeio pelo Metrocable. Não bastassem as semelhanças que se dão a perceber entre a capital fluminense e a antioquena, a primeira está para abrir também um sistema de transportes de massas via teleférico

Durante a entrada das Forças Armadas no Complexo do Alemão, na capital fluminense, todo o Brasil veria os postes gigantescos para instalação de mesmo equipamento de transporte, consultoria essa conduzida por engenheiros de Medellin. Um passeio por Santo Domingo<sup>11</sup> tornam claras as transformações numa comunidade que ficou famosa por ser ponto de recrutamento de sicários (pistoleiros) nos anos 1990. Hoje, Estado se aproximou dela mais que pelo teleférico, pela *Biblioteca España*, em meio ao conjunto de favelas.

Dias turbulentos na América Latina, entre setembro e outubro de 2010. Para Medellin, nem na universidade se tinha espaço para a rotina, uma vez que foi sitiada pela

---

reclamam pouco. A mesa é extremamente farta, como fica evidente a quem conhece um dos pratos típicos, a “Bandeja Paisá”. Servida em bandeja, por não caber em prato, serve ovo frito, torresmo (chicharrón), feijão, arroz, arepa (torta de milho), patacón (bolinho frito feito com banana verde), chorizo antioqueño, rodela de tomate.

<sup>11</sup> O segundo passeio seria pela Comuna 13, favela já tema de livro. Os moradores falavam menos, pois os de Santo Domingo se interessavam pela conversa tal qual estivéssemos em uma cidade de interior. O número de migrantes é uma das variáveis para formatação das diretrizes políticas da cidade.

força policial. Afora da cidade, Rafael Correia, presidente equatoriano, é alvo de uma bomba de lacrimogênio durante protestos policiais em Quito. Na Colômbia, a senadora Piedad Córdoba (Partido Liberal), identificada a causas humanitárias, é destituída de seu cargo e inabilitada de exercer mandatos eletivos no período de 18 anos. A decisão do procurador-geral era de que ela colaborava com as FARC. Ela é uma das que acredita em resolver problemas entre Estado e guerrilha pela via pacífica<sup>12</sup>.

O jornal-laboratório “De la Urbe”<sup>13</sup>, da Universidade de Antioquia, procura estabelecer um contraponto aos discursos que circulam sobre o fechamento da universidade

<sup>12</sup> A “tranquilidade” de uma Bogotá e de uma Medellín se assemelha àquela que se tem em regiões metropolitanas brasileiras, malgrado as notícias das agências nacionais pintem um país destruído em todos os níveis pela violência. O que destoa da programação midiática brasileira, para dizer um ponto, é ouvir dentro da programação das rádios comerciais o hino nacional, uma marcha militar. E, na televisão, veicula-se uma propaganda do governo federal em que se mesclam aeronaves e fuzileiros dos dias de hoje a cavalos e camponeses de cerca de cem anos atrás. A confusão, intencional, sugere uma luta unificada para consolidação da nação colombiana.

<sup>13</sup> Nota sobre a assessoria de imprensa na cultura jornalística. Para compartilhar uma dúvida, uma breve recordação. Na Universidad de Antioquia (Medellin), após uma exposição sobre o programa de mestrado em jornalismo do qual fui discente, alunos e professores aproveitaram o momento de intercâmbio para perguntar sobre políticas de comunicação e a profissão de jornalista no Brasil. Ao fazer referência aos assessores de imprensa estarem vinculados na mesma classe dos jornalistas de imprensa, chamou a atenção de que um dos professores, o que coordenava a reunião de pauta do De La Urbe (não consegui confirmar nome a tempo do prazo de fechamento desta edição de Rebej, infelizmente), falou com tanta ênfase ser “claro” que essas funções inconciliáveis surpreenderiam a qualquer um que conheça a cultura sindical brasileira. Registre-se que, frente a esse comentário, havia outros quatro professores da instituição, dois, inclusive, egressos de pós-graduação no Brasil, e o silêncio marcou o consenso. Valeira esclarecer se, realmente, na Colômbia essa posição toma corpo publicamente. Lembre-se que, no Brasil, os assessores de imprensa se vinculam à Fenaj (Federação Nacional de Jornalistas), o que é fruto de muita polêmica, a ver texto chamado “Assessor de imprensa é jornalista?”, de Eugênio Bucci, publicado em O Estado de S.Paulo, na data 9/9/2010, disponível na página do Observatório da Imprensa (Edição nº 606, ano 15).

desde 15 de setembro. Administradores e professores estudavam meios de reabertura, quando manifestação de cerca de 200 estudantes recebe repressão de um batalhão de choque ESMAD (em tradução livre, Esquadrão Móvel Antidistúrbios). Em notas e pronunciamentos públicos, o conselho acadêmico apontou prejuízos à autonomia universitária por essas medidas de força e por todo o aparato espetacular de segurança. Para destacar uma das qualidades do “De la Urbe”, é a de não ter receio de escrever textos extensos. Sugere um gosto pela escrita e uma preocupação pelo público que procura contexto, mais que manchetes. Para falar mais da Colômbia, entremos de vez na entrevista<sup>14</sup>.

### III – A entrevista com Ramón Pineda

“[en Medellín,] desde arriba nos ven y desde abajo los vemos, sobre todo en las noches claras, cuando

---

<sup>14</sup> Para a costa Atlântica, região do Caribe, caberia duas notas. Uma pela experiência associativa, outra pela projeção internacional. A primeira é a *Cooperativa de Comunicadores Sociales de la Costa Atlántica* (Coopercom), sediada em Barranquilla. Ela desperta a curiosidade tal qual qualquer iniciativa em que jornalistas se tornam administradores de seus próprios rumos. Embora pequena, vale ser estudada para descobrir como alcança ou não sua missão e como se estabelecem suas fronteiras entre o público e o privado. A segunda nota se registra para a FNPI (*Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano*), instituição localizada em Cartagena, fundada e presidida por Gabriel García Márquez, cuja missão é “trabalhar pela excelência do jornalismo e sua contribuição aos processos de democracia e desenvolvimento dos países ibero-americanos e do Caribe, através de oficinas e seminários de formação e intercâmbio entre jornalistas, colaboração em redes e estímulos ao desenvolvimento profissional”. Entre as oficinas, organizou uma de reportagens com Jon Lee Anderson, em Buenos Aires, entre 5 e 9 de outubro de 2010. O convidado colabora com a revista *The New Yorker*, conhecido correspondente de guerra; publicou no Brasil obras como “A Queda de Bagdá” e “Che Guevara: uma biografia” (Editora Objetiva). Quanto ao prêmio FNPI, criado em 2001, apresenta-se como o de maior convocatória para falantes de espanhol e português. O Conselho Reitor integra jornalistas da Argentina, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, França, México, Nicaraguá e Brasil (Geraldinho Vieira e Rosental Alves). Em sua história, participaram, entre os jurados, Ryszard Kapuscinski. A FNPI mantém em sua página virtual o *Consultorio Ético*, trabalho de Javier Darío Restrepo, no qual responde com muito embasamento teórico a dúvidas deontológicas de jornalistas.

*brillan más las luces y nos convertimos en focos. Yo propongo que se siga llamando Medellín a la ciudad de abajo, y que se deje su alias para la de arriba: Medalla. Dos nombres, puesto que somos dos, o uno pero con el alma partida.”*

Alonso Salazar

**BHD – Em que contexto se firmou a revista cultural “La Hoja de Medellín”, na qual trabalhou por oito anos e foi chefe de redação?** *Ramón Pineda* – Em 1992, havia nascido nesta cidade um periódico chamado “La Hoja de Medellín”. Ela era um sonho de muitos de nós, jornalistas colombianos, porque víamos nela tudo o que queríamos ver publicado. Um jornalismo com sentido e feito com os sentidos. Era um jornalismo em processo. Acho importante destacar que ela nasce em uma época em que, na Colômbia, a única coisa que se falava de Medellín era sobre Pablo Escobar. Pablo Escobar havia acabado de fugir da prisão *La Catedral* e, aos meios de comunicação nacionais, apenas lhes interessava falar do traficante e dos sicários [*pistoleiros*]. Quando nasce “La Hoja”, o propósito era não falar de narcotráfico. Chegava a ser dito em editorial algo com essa ideia: “não trataremos desse tema, até que ele esteja suficientemente amadurecido. Ainda não podemos vê-lo com distanciamento para entendê-lo”.

**BHD – Você acredita que “La Hoja” representava um interesse dos intelectuais e demais cidadãos em ver uma**

**Medellin de outra forma?** Uma vez que eles sabiam que a cidade era muito mais que o narcotráfico que a grassava.

*Ramón Pineda* – Sim. Eu estava nessa lista dos que sabia que a cidade não era apenas a representação que faziam dela [*nos meios de comunicação nacionais e internacionais*]. Eu era uma dessas pessoas que caminhava por Medellin desde pequeno e que sabia haver outros assuntos. Em “La Hoja”, por exemplo, era permitido uma crônica sobre la *calle Puerto Rico*, em *Santo Domingo*, antes de existir o Metrocable [*sistema de teleférico, no qual o Rio de Janeiro se inspirou para obras no Complexo do Alemão*]. Ela era uma rua do povo, embora a região fosse representada como lugar de gangues, onde se contratavam sicários. Um dos conteúdos da publicação poderia ser uma crônica dessa rua, das pessoas que chegaram até lá, que abordasse como se formava a música tocada nos bares do entorno. Relatos de um bairro que, naquele momento, estava muito estigmatizado, que era visto como muito perigoso, uma região “que não se podia entrar”. E eu chego até lá e apresento um bairro alegre, que tem as portas abertas, em que as pessoas vão até as calçadas, em que há cavalos, há pessoas com chapéus e tipos que se embriagam, que vivem, que contam histórias. Esse trabalho era uma forma de fazer visível aquilo que não era visível desde baixo, no vale. Eu não sei se você se deu conta, mas Medellin tem uma parte baixa e uma parte alta. E, desde *abajo*, não se vê essa quantidade de texturas, de

dobras que têm essas montanhas [*fica numa parte dos Andes*]. E não se vê os personagens reais que se encontram em uma caminhada. Daqui da parte baixa, parece apenas uma montanha cheia de luz. Ainda que a cidade não seja igual em nenhum ponto.

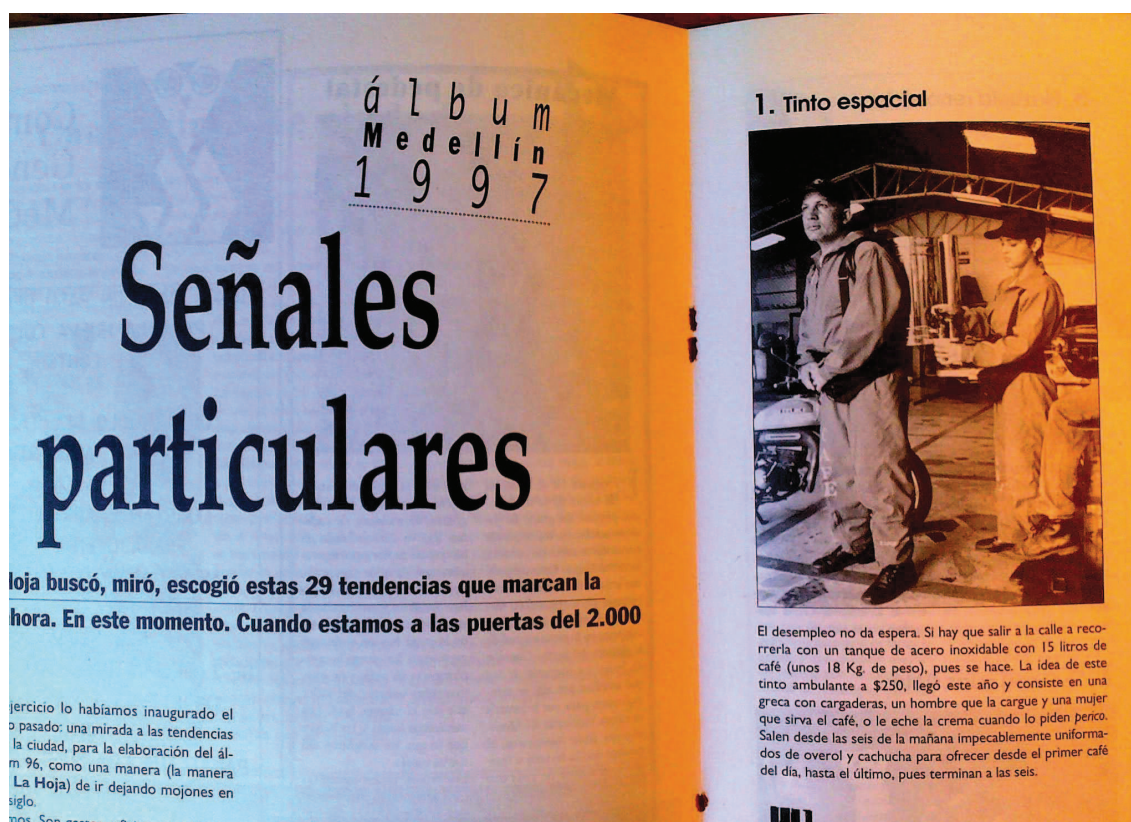


Figura 5 – página espelho de edição de aniversário de 5 anos da revista La Hoja de Medellín, álbum com ‘29 tendências que marcam a época’.

**[Qual foi a repercussão de uma revista cultural durante o auge dos textos dos “violentólogos”]**

*Ramón Pineda* – “La Hoja” teve muita acolhida nas classes altas, em uma geração *pós-hippie*. Na cidade, foi



muito grande o movimento *hippie* durante os anos 1960. Aqui houve um concerto de rock, um pequeno *Woodstock*, para o qual vieram pessoas de toda a América Latina. Essa geração terminou logo e boa parte dela se converteu em donos de empresas. Os *hippies* nos anos 1960, nos anos 1990 já eram senhores sérios, mas que seguiam com uma inquietude a respeito da cidade. Nessas pessoas, a revista repercutiu muito. Enquanto que os intelectuais eram pessoas que queriam entender o que se passava em Medellín [*naqueles anos conturbados*]. A revista era vendida em livrarias. Quase não se encontrava à venda nas ruas. Muito dela era entregue em domicílios. Em suas melhores épocas, “La Hoja” teve 10 mil exemplares, com circulação concentrada em Medellín, mas com leitores distribuídos no país e no exterior. Há um ditado que diz que “se você vai ao Alaska, encontrará um *paisá* te vendendo um congelador” [*região em que está Antioquia é conhecida por ser hábil nos negócios*]. Eles estão em todas as partes do mundo. Era incrível quão longe ela chegava.

### **BHD – Explica para o leitor brasileiro como é feita a crônica na Colômbia. Como define esse gênero?**

*Ramón Pineda* – Eu me baseio na definição do jornal *El Tiempo*, em seu manual de estilo, que é tido como manual padrão para o jornalismo na Colômbia. Nesse manual, a crônica é um relato que dá conta de um aspecto secundário

ou colorido de uma notícia. Com abordagem totalmente jornalística. Aqui é proibida a ficção. É como se fosse um conto produzido jornalisticamente, baseado nos fatos.

**BHD – Que autores da Colômbia você considera fundamentais em Jornalismo Literário, disciplina da qual é professor?**

*Ramón Pineda* – Primeiro: Alberto Salcedo Ramos, escritor de Barranquilla, criado em Cartagena. Ele usa muito a técnica de Gay Talese. Trabalha bem com o recurso do “fio condutor”. É um tipo que sabe muito de boxe, mas que fala de qualquer assunto. E seus personagens são muito colombianos. Personagens que podem estar castigados, pobres – e que a vida lhes dá vinte golpes, trinta golpes-, mas que seguem em pé. Em segundo lugar: Alfredo Molano<sup>15</sup>. Ele é egresso da sociologia e se meteu no jornalismo porque sabia muito de política, de movimentos armados na Colômbia e passou a ser um *expert* no tema. Os jornalistas o consultavam muito, o que o levou a decidir a contar ele mesmo suas histórias. Ele representa um jornalismo que deu vidas às vozes de outra Colômbia. Um país que para nós [*habitantes de metrópoles*], é absolutamente desconhecido a começar pela paisagem. Os alunos da minha disciplina, ao lerem um

---

<sup>15</sup> Obras de Alfredo Molano: “Amnistía y violencia” (1980), “Los bombardeos de El pato” (1980), “Los años del tropel” (1985), “Siguiendo el corte: relatos de guerras y de tierras” (1989), “Del Llano llano” (1995), “Dos viajes por la Orinoquía colombiana” (1988), “Rebusque mayor: relatos de mulas, traquetos y embarques” (1997). Informações disponíveis em portal da Biblioteca Luis Ángel Arango.

texto de Molano, eles me perguntam: “o que está descrito é daqui da Colômbia?”. “- Sim, daqui! Essa montanha, esses rios!” – respondo. Em seus textos há ênfase nas histórias de vida e ele expõe muito bem a ruralidade. Em terceiro lugar: Juan José Hoyos. Ele é um jornalista antioquenho, formado em meios de comunicação duros, ao estilo de *El Tiempo* e *El Mundo*. Praticava um jornalismo do dia-a-dia e terminou cronista. Além de narrador de muita habilidade, tem um perfil que faz falta na Colômbia: o de pesquisador, o de teórico do jornalismo. Ele escreveu “*La pasión de contar*”, onde ele dá chaves para entender o jornalismo narrativo na Colômbia. Ele foi professor de Jornalismo e Literatura por muito tempo na Universidad de Antioquia.

### **BHD – O que faz que uma história seja boa de contar no Jornalismo?**

*Ramón Pineda* – Para mim, uma boa história em jornalismo deve ter muitas imagens, que a pessoa leia a história e a acompanhe como se estivesse assistindo a um filme no cinema. Uma boa história é também, antes de tudo, aquela em que o autor representa um símbolo de algo. Algo que sirva para explicar algo sobre quem nós somos. É ver em pessoas como Mona [*senhora com quem estivemos circunstancialmente no Metrocable*], ver nelas um símbolo da resistência. Da resistência a morrer, de não se deixar vencer pela tristeza, a resistência em procurar ser uma mulher

como as outras, sem desvantagens. O simbolismo tem o poder de universalizar a história que se conta.

**BHD – O que faz de Medellín ser tão narrada, a ponto de se dizer que é a mais contada de toda a Colômbia? Quem são seus narradores no jornalismo e na literatura?**

*Ramón Pineda* – Medellín tem uma tradição de criar escritores rebeldes. Na cidade, nasceram dois grupos de escritores dessa linhagem. O primeiro foi pelos anos 1930 / 1920, houve o grupo chamado *Los Panidas*. Era formado pelo caricaturista e escritor León de Greiff, pelo poeta Tartarín Moreira e pelo filósofo Fernando González. Eles eram três intelectuais da cidade, que a contavam e a revelavam. Desde aquela época, para muitos, Medellín apenas significava trabalhar, trabalhar e trabalhar, e a conseguir barriga e a rezar. Aqui há muitas igrejas, muitos bancos. E a todo tempo estão te dizendo: “meu filhinho, tem que resolver tua vida! Saia trabalhar!”. Esse grupo dizia “não” para esse tipo de pensamento e o passaram a criticar sistematicamente. O segundo grupo marcado pela rebeldia se consolidou pelos anos 1960, os chamados *Nadaístas*. Eles eram herdeiros diretos da geração *beat* norte-americana, de Allen Ginsberg, William Burroughs e Jack Kerouac. E eles vêm repetir em Medellín e em Cali – curiosamente, não em Bogotá –, o esquema dos *beatniks*. Eles consumiam drogas, zombavam da igreja, das instituições, do poder. Negavam-se a fazer

o que todos lhes diziam o que era correto fazer: trabalhar, casar-se e ter filhos.

### **[Conservadorismo e rebeldia, contrastes para fazer literatura e jornalismo]**

Ramón Pineda – Cidade que tem muitas igrejas, mas que tem muitos puteiros. A mesma na qual o rapaz pede graças à Virgem antes de matar a vítima. Os contrastes dão a ela uma riqueza narrativa que o jornalismo soube contar bem e bastante. Contraste entre a pobreza que há na Comuna 13 e em Santo Domingo e a ostentação de centros comerciais como o *poblado*, onde tudo é imaculado. Fernando Vallejo escreveu algo para ilustrar essa divisão [cita]: “*Medellin, ciudad de cantinas, de burdeles y de iglesias. Matadero, puteadero, rezadero. En ti nací y en ti me muero*”<sup>16</sup>. Vallejo também chamou a cidade de duas, por haver aquela que fica *arriba* e a que fica *abajo*, as ala sul e norte. Uma cidade marcada pelas mulheres da moda, com silicone, e por mulheres que trabalham em malharias. Enquanto uma desfila na passarela para mostrar sua beleza, a outra tece para ganhar a vida.

### **[Quem foram os “violentólogos”. As mudanças nas representações de Medellin dentro da obra de dois autores].**

Ramón Pineda – No fim dos anos 1980 e nos 1990, hou-

---

<sup>16</sup> Medellin, cidade de lanchonetes, de bordéis e de igrejas. Matadouro, puteiro, paróquia. Nasci em ti e em ti vou morrer.

ve o auge do tema narcotráfico. A Colômbia inteira se volta a Medellín e aparece uma geração de “violentólogos”. É uma grande quantidade de sociólogos, antropólogos e jornalistas especializados em entender a violência em Medellín. Alonso Salazar, o prefeito atual da cidade, foi um desses violentólogos. Ele escreveu livros, como “Mujeres de Fuego” e “No nacimo pa’semilla”. No jornalismo e na literatura, temos que citar, novamente, Juan José Hoyos. Ele é autor de uma *novelita* chamada “Tuyo es mi corazón”, que traz uma Medellín romântica, antes da explosão do narcotráfico, em que havia rapazes de bairro que não eram matadores. Há o romance “El cielo que perdimos”, que, conforme indica o título, a cidade perdeu sua paz. Fernando Vallejo, de que te falei *ahorita*, escreveu sua obra-prima sobre o tempo. É uma espécie de homenagem a Marcel Proust e seu “Em busca do tempo perdido”. Eles mesmos eram parecidos. Vallejo é aristocrata, homossexual, rebelde. E sua obra “El río del tiempo” [que se compõe de vários romances], traz em “Los días azules” uma Medellín dos anos 1950 e dos 1960, uma cidade romântica, camponesa, com festas, com famílias amigáveis. E logo aparece, no segundo romance “El fuego secreto”, uma Medellín que começa a ficar cheia de pessoas, de bairros, que começa a se congestionar. Logo depois, ele se vai para Roma e para o México. Quase dez anos depois aparece com outro romance, muito conhecido, que é “La virgen de los sicários”, em que apresenta uma Medellín que

não tem nada a ver com aquela de “Los días azules”.



Figura 6 – Ponto inicial do “recorrido” adentro da “noite perigosa” no centro de Medellín.

**BHD – Conta um pouco sobre o seu “recorrido” noturno, itinerário para o qual leva alunos durante a madrugada pelo Centro “perigoso” de Medellín.**

*Ramón Pineda* – Eu sou um homem muito urbano e minha fortaleza é conhecer muito a Medellín. Não só porque fiquei por oito anos em uma revista dedicada a contar as histórias da cidade, mas porque, antes, já a conhecia

bem. Sempre fui acostumado a caminhar por ela. E eu tenho temas recorrentes, aos quais me dedico mais a escrever que sobre outros. Um deles é a noite. E gosto de falar dessa cidade que não se conta, porque ela é escura e porque a ninguém se importa com o que vem depois que o sol se põe. Em geral, ao falar de moradores dos subúrbios, os jornalistas daqui ficam preocupados demais em contar sobre os jovens que se matam entre si e se esquecem de agendar outros temas, que também nos conformam como habitantes de uma cidade. Quanto à noite, em qualquer cidade do mundo em que eu visite – e eu só conheço a realidade latino-americana –, eu preciso conhecer a noite. Ela é parte uma da cidade que está me dizendo como é esse país e essa cidade. E que eu preciso compreendê-lo.

### **[Como institucionalizou essa caminhada?]**

*Ramón Pineda* – Eu sou professor em duas universidades, uma privada (UPB) e outra pública (UdeA). Estou há oito na instituição privada e dois na pública. Na primeira, contrataram-me por conta das minhas conferências sobre o jornalismo praticado em “La Hoja”, quando então o professor decano me disse “você tem que estar na Bolivariana, porque a esses jovens é preciso mostrar que a cidade não é apenas a Zona Sul”. Depois, já feito professor, um estudante chegou e me disse “Ramón, leva-me para conhecer os lugares que tanto você comenta!”. Então, eu o levei para



fazer o passeio. Ele chegou com um acompanhante. Feito o *recorrido*, me perguntaram por que eu não fazia um projeto a partir dele. Sem querer, o projeto foi se tornando oficial e parte da matéria. Muitos estudantes participavam da matéria para poderem participar dessa visita. Já no primeiro dia de aula há quem pergunte em que data será a atividade. Porque para eles, sendo da Bolivariana, trata-se de uma grande aventura ir ao Centro à uma hora da madrugada para ver prostitutas, travestis, indigentes. Dessa maneira é que o *recorrido* se institucionalizou. Quando cheguei à Universidad de Antioquia, não o propus porque pensei que, para alunos de uma universidade pública, não representasse uma novidade. Eles já o teriam feito por conta, pensava. Mas eu me dei conta que não. Eu não vou com grupos pequenos, levo cerca de quatro pessoas por vez.

### **BHD - Qual o nome do projeto? Como você o liga com a parte teórica?**

*Ramón Pineda* – Ele não tem um nome. Mas a partir desse projeto, eu criei uma matéria que integra uma especialização em Estudos Urbanos. Nós, os jornalistas, estamos muito acostumados a perguntar, a falar, a contar, mas não somos muito conceituais. Eu me dei conta que eu conhecia muito a cidade da prática, a partir das minhas caminhadas e não de uma construção teórica. O que eu quero dizer é que há um monte de teorias urbanas, por exemplo, a de Zygmunt Baumann sobre a cidade líquida, ou a de Ar-

mando Silva sobre os imaginários urbanos, ou a de Gilles Deleuze e Felix Guattari sobre o estriado e o liso, ou o interacionismo simbólico, da cidade como representação teatral. E o que eu sabia pela prática, tinha um componente teórico que há muito já havia sido desenvolvido. Ao fazer uma especialização em Estudos Urbanos fortaleci o conhecimento de Medellin com as teorias sobre cidades e me dei conta que podia armar uma matéria como a de “Narrativas Urbanas”<sup>17</sup>, ensinada na Antioquia, em que combino esse conhecimento prático que tenho da cidade com os conceitos teóricos.

---

<sup>17</sup> Para quem quiser detalhes da disciplina, esta nota traz parte editada do corpo do texto. Com a palavra, o entrevistado: A justificativa dessa disciplina é: “Medellin com suas contradições, fronteiras, bairros, ruas, parques”. É o que estuda esse curso. “Narrá-la, fotografá-la, filmando-a, ficcionalizá-la é o que se pretende. Conhecer a cidade em que estamos. Olhar para seu passado para entendermos o seu presente. Encontrar seus símbolos, seus imaginários. Saber ler seus protocolos, dimensionando-a junto a outras cidades do mundo. Vivê-la e contá-la mais além dos canais midiáticos é um dever e uma necessidade do jornalista que a habita”. E para que entenda o que eu ensino, falo das grandes cidades. Dou uma mirada simbólica em cidades que marcaram historicamente os rumos do Ocidente. Começo com Atenas, sigo por Roma, Londres, Paris e terminamos com Nova York, Cidade do México, Buenos Aires e Bogotá. Sigo pelas microcidades, as cidades que há dentro da cidade - parques, ruas, vilas urbanas, lugares fechados, não-lugares. Em microcidades, entra meu projeto com o Raúl [Osorio Vargas]. Nosso projeto é contar sobre essas microcidades. Como esse é um tema tão lento, nesse semestre, nós enfocamos os parques. Os alunos dele os estão contando desde o jornalismo narrativo, o literário. E os meus, desde o âmbito teórico. Começamos com seis parques do centro de Medellin. Eu já fui com os estudantes, percorremos parques e eu lhes contei coisas. Estão lendo e fazendo imersão nesses parques. Para que entendam seus grupos, seus territórios, os ofícios, entendam por que o vendedor de horas de celular está em determinado lugar. Pois estão lá os territórios, os usos, os imaginários do parque, por exemplo. No próximo semestre, serão ruas. Cada semestre, mudaremos de tema. Esperamos, claro, que resulte num trabalho contado de Medellin para a publicação. Voltando ao programa, a outro capítulo: “A cidade escrita”. Faço um revisão sobre os matérias acerca da cidade mais contada na literatura e no jornalismo da Colômbia, Medellin. “A cidade vista”, em que miramos, a partir do cinema e da fotografia, como ela foi narrada. Esse é o programa.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. Da utilidade e dos inconvenientes de viver entre espectros. *Serrote*. n. 6, nov. 2010, São Paulo, Instituto Moreira Salles. p. 65-69. Revista trimestral.

AGUIRRE, Andrés Vergara. Transplantes de la literatura extranjera y del tango en dos cronistas bogotanos, 1925-1945. In: CONGRESO DE ALAIC, X., Anais... 22 a 24 de setembro de 2010, Bogotá, Colômbia. Anais.

CANO, Ana Maria et al. *Medellin Secreto: en cinco reportajes sobre clausura, suicídio, masonería, locura y sexo aparece una ciudad oculta*. Medellin: La Hoja Mes S.A., 1995.

\_\_\_\_\_. *Ciudad vivida: Antología de 15 años de La Hoja*. Medellin: Fondo Editorial Universidad EAFIT - La Hoja Mes S.A., primera edición, noviembre de 2007.

DECLARACIÓN de Manizales: Preocupación por el ejercicio del periodismo en Colombia. setembro de 2010. Documento.

DEMENECK, Ben-Hur. *Objetividade jornalística: o debate contemporâneo do conceito*. 133 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: [www.posjor.ufsc.br](http://www.posjor.ufsc.br).

\_\_\_\_\_. *Objetividade e Jornalismo literário: um conceito em construção*. In: CONGRESO DE ALAIC, X., Anais... 22 a

24 de setembro de 2010, Bogotá, Colômbia.

HOYOS, Juan José. *Tuyo es mi corazón*. Planeta, 1984. Romance.

\_\_\_\_\_. *El cielo que perdimos*. Planeta, 1990. Romance.

\_\_\_\_\_. *Sentir que es un soplo de vida*. Colômbia: Editorial Universidad de Antioquia, 1994. Crônicas e reportagens.

HOYOS, Juan José (Org.). *La pasión de contar: el periodismo narrativo en Colombia (1638-2000)*. Medellín, Colômbia: Editorial Universidad de Antioquia, Hombre Nuevo Editores, 2009. Colección Peridismo. 992 p.

LA HOJA DE MEDELLIN. Revista mensual, n. 56, ago. 1997. Medellín, Colômbia: Editora La Hoja Mes S.A.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Colômbia Espelho América: dos piratas a Garcia Márquez, viagem pelo sonho de integração latino-americana*. São Paulo: Perspectiva/EdUSP, 1987.

MOLANO, Alfredo. *Rebusque Mayor: relatos de mulas, traquetos y embarques*. (1. ed., 1997). Bogotá, Colômbia: Editorial Nomos, 2005. Punto de lectura, 650/3.

OSPINA, William. *América Mestiza: el país del futuro*. 1. ed., 2004. Bogotá, Colômbia: Nomos Editores, 2006. Punto de lectura, 679/2.

PAMUK, Orhan. *Istambul: memória e cidade*. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PIZANO, Daniel Samper. *Impávido Colosso*. Trad. de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2006

\_\_\_\_\_. *Antología de grande crónicas colombianas*. Tomo II. 1949-2007. 2. ed. Bogotá, Colômbia: Aguilar, 2007. 609 p.

RAMOS, Alberto Salcedo. *El oro y la oscuridad: la vida gloriosa y trágica de Kid Pambelé*. Debate, Colección Actualidad. 20--.

SALAZAR, Alonso. *No nacimos pa' semilla*. Bogotá: Corporación Región / Cinep, 1990. 223 p.

SILVA, Armando. *Imaginario Urbanos*. Bogotá: Arango Editores. (2006[1992]).

SILVA, Miguel; MOLANO, Rafael (Eds.). *Las mejores crónicas de Gatopardo*. Colección Actualidad. Prólogo de Martín Caparrós. (1. ed., 2006). Bogotá DC: Editorial Random House Mondadori - Debate, 2006. 427 p.

VALLEJO, Fernando. *El Rio del Tiempo*. Santillana, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Virgem dos Sicários*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *O Despenhadeiro*. Alfaguara Brasil, 2006

VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LINKS (para um *recorrido* virtual):

De la Urbe: jornal-laboratório produzido na Universidad de Antioquia (UdeA, Medellin) - <http://delaurbedigital.udea.edu.co/>

Malpensante: revista cultural: [www.elmalpensante.com](http://www.elmalpensante.com)

Hiperbarrio: historias locales, audiencia global  
<http://hiperbarrio.org/>

Cooperativa de Comunicadores Sociales de la Costa Atlántica Coopercom <http://coopercomdelacosta.com>

Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano  
FNPI <http://www.fnpi.org>

Número: revista cultural, a #66 trata de Medellin  
<http://www.revistanumero.com/>

Proyecto Imaginarios Urbanos, Universidad Nacional de Colombia  
[http://www.divulgacion.unal.edu.co/critica\\_cultural/2008/imaginarios\\_urbanos.html](http://www.divulgacion.unal.edu.co/critica_cultural/2008/imaginarios_urbanos.html)

**Fundación para la Libertad de Prensa (FLIP) - <http://www.flip.org.co/>**

**Medios Para La Paz (MPP) - [www.mediosparalapaz.org/](http://www.mediosparalapaz.org/)**

**Comisión Nacional de Reparación y Reconciliación - [www.cnrr.org.co](http://www.cnrr.org.co)**